

Mulheres Chamadas ao Ministério

Estudo em Seis Sessões para a Igreja Metodista Unida

APÊNDICES



AUTORAS

Delia Halverson, Educadora Cristã

Rev. Kabamba Kiboko, Biblista

Dr. Lacey Warner, Historiadora

Rev. M. Lynn Scott, Moderadora/Editora

Isaura Arez, tradutor Português

PUBLICADO PELA

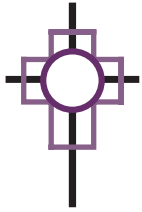
Comissão Geral da Situação e Papel da Mulher
na Igreja Metodista Unida

CO-PATROCINADO PELA

Junta Geral de Ensino Superior e Ministérios
Igreja Metodista Unida



Mulheres Chamadas ao Ministério



Mulheres Chamadas ao Ministério

Estudo em Seis Sessões para a Igreja Metodista Unida

GUIA PARA LÍDERES

Todas as leituras da Bíblia são da Edição da Sociedade Bíblica traduzida em português por João Ferreira de Almeida.



Primeiro Apêndice: Panorama Cronológico	Página 3
Segundo Apêndice: Hiperligações para Websites	Página 18
Terceiro Apêndice: A Conferência Geral de 1956	Página 20
Quarto Apêndice: Bibliografia	Página 27

Mulheres Chamadas ao Ministério

Primeiro Apêndice

PANORAMA CRONOLÓGICO

(Este panorama cronológico é um convite para reconhecer o facto de que a nossa história na Igreja Metodista Unida e as suas denominações predecessoras têm mais de 50 anos).

c. 1770

A primeira mulher é nomeada como líder de classe no metodismo, nos Estados Unidos.

1764

Mary Bosanquet (1739 – 1815)

Mary Bosanquet arrisca-se a perder o apoio da família para educar, pregar e liderar entre os primeiros metodistas num contexto histórico e social em que não havia lugar para uma mulher solteira.

“Desde criança que sempre acreditei que Deus tinha em mente um trabalho para mim, através do qual seria muito abençoada se fosse fiel”.

“Muitas vezes ansiei intensamente por uma conformidade interior e exterior para com a vontade de Deus, desejando muito viver como os primeiros Cristãos viveram, quando todos aqueles que eram crentes partilhavam o mesmo espírito e não consideravam nenhuma das suas possessões como algo que lhes pertencesse pessoalmente”. (“A Letter to the Rev. Mr. Wesley by a Gentlewoman” (Carta de uma Dama ao Reverendo Sr. Wesley), Londres, 1764).

1817

As mulheres podem convocar e organizar reuniões de oração, mas não podem obter uma licença para pregar.

Princípios do século XIX

Rebecca Jackson (1795 – 1871)

“Em 1835, eu estava no Oeste... a perseguição rondava furiosamente por todo o lado. Os presbíteros metodistas disseram aos organizadores que não me deixassem falar na igreja nem em nenhuma das casas. Ninguém podia ir ouvir-me; se o fizessem seriam expulsos da igreja. Esta grande perseguição abriu-me portas de par em par. Quando os membros tinham medo de me deixar falar nas suas casas e as pessoas queriam ouvir a palavra, mesmo assim um ébrio rancoroso abriu a porta da sua casa e disse, ‘deixem-na vir pregar na minha casa. Nas reuniões não há lugar para mim’. E quando as pessoas ouviram isso, vieram ter comigo e disseram-me. E eu fui. A casa estava cheia de gente, dentro e fora, assim como os caminhos à volta dela. Nesse momento, a minha alma, o meu corpo e o meu espírito estavam tão cheios que já não podiam comportar mais nada. Estava completamente só, não tinha ninguém a quem pudesse contar as minhas tribulações excepto ao Senhor. Quando me levantei para falar a toda essa gente e ao vê-los junto à cerca, no caminho e no relvado, senti que o meu coração se derretia. Atirei-me aos braços do Senhor. Nessa noite, pela primeira vez, vi uma Mãe na Divindade”.

Mulheres Chamadas ao Ministério

1819

A Sociedade Bíblica e Missionária da Igreja Episcopal Metodista é fundada juntamente com a sua entidade subsidiária, a Sociedade Missionária de Mulheres de Nova Iorque.

1841

A primeira revista periódica para mulheres começa a sua publicação.

1847

White River, uma Conferência dos Irmãos Unidos (*United Brethren Conference*) recomenda uma mulher (**Charity Opheral**) como pregadora. Em 1849 concede-lhe uma licença local para pregar na Igreja dos Irmãos Unidos (*The United Brethren Church*).

1851

A primeira mulher (**Lydia Sexton, 1799 – 1894**) é eleita como “oradora no púlpito” (*Pulpit Speaker*), pela Conferência Geral da Igreja dos Irmãos Unidos (*General Conference of The United Brethren Church*).

1851

Sojourner Truth (1797 – 1883)

Activa na Igreja Metodista e na Igreja Metodista Episcopal Africana de Sião (*AME Zion*), Truth foi dirigente dos movimentos de luta pelo sufrágio e pela abolição da escravatura; em 1851 proferiu o seu famoso discurso “Acaso não sou mulher?” (*“Ain’t I a Woman?”*).

1855

Catherine Booth

“Quem se atreverá a separar à força as mulheres dos assuntos da igreja ou a ousar colocar a minha vela que Deus acendeu, debaixo de um alqueire?”

Meados do século XIX

Julia Foote (1823 – 1900) (*Ver 1894*)

Julia Foote, uma mulher afro-americana, arriscou a vida e a dignidade a viajar em itinerância pregando o evangelho e defendendo os direitos eclesiais da mulher e a causa da reconciliação racial.

1857

A Conferência Geral da Igreja dos Irmãos Unidos, aprova uma resolução que proibia que as mulheres pregassem.

1866

Helenor M. Davison, foi a primeira mulher ordenada como diaconisa pela Igreja Metodista Protestante (Conferência do Norte de Indiana).

Mulheres Chamadas ao Ministério

1869

Margaret Newton Van Cott, 1830 – 1914, foi a primeira mulher a quem se concedeu uma licença para pregar na Igreja Metodista Episcopal.

1869

Fundadores da Sociedade de Mulheres para a Missão no Estrangeiro

Lilavati Singh, Isabella Thoburn e Clair Swain contam-se entre as primeiras mulheres norte-americanas, missionárias e professoras enviadas para o estrangeiro.

Lilavati Singh, uma das primeiras alunas da missionária Isabella Thoburn, foi a primeira professora (e mais tarde vice-directora) de nacionalidade indiana, da Escola Superior de Isabella Thoburn para mulheres, em Lucknow, na Índia.

Meados do século XIX até princípios do século XX

A actividade missionária das mulheres coincide com o aumento do activismo social das pioneiras, desde o movimento contra a escravatura e mais tarde a “Proibição” contra a venda de bebidas alcoólicas (a lei seca), até à negociação de contratos colectivos de trabalho e movimentos a favor de condições de trabalho justas. O movimento feminista do século XX tem as suas raízes nesta actividade.

Sociedades para mulheres activas em missão foram criadas por várias denominações metodistas, nomeadamente a Igreja Metodista Episcopal; a Igreja dos Irmãos Unidos; a Igreja Metodista Episcopal do Sul; a Igreja Metodista Protestante; a Igreja Metodista Episcopal Africana de Sião; e a Associação Evangélica. O objectivo era levar ao mundo a mensagem cristã (para além da educação, dos cuidados infantis e da assistência médica).

1870

Amanda Berry Smith (1837 – 1915)

A irmã mais velha de 13 irmãos, Smith nasceu escrava e arriscou a sua segurança pessoal e foi ridiculizada durante as suas viagens pela Europa, a Ásia e a África, pregando e cantando o evangelho.

“Se alguma vez o Senhor me ajudou, Ele ajudou-me naquele dia. E o Espírito do Senhor parecia descer sobre todas as pessoas. Os pregadores mostravam-se felizes. Choravam e gritavam ‘Ámen!’ ‘Louvado seja o Senhor!’ No fim, vários deles aproximaram-se de mim e apertaram-me a mão dizendo, ‘Que Deus a abençoe, irmã. Onde é que vem? Gostaria de poder convidá-la a visitar a minha igreja’. Outro dizia, ‘Olhe, irmã, quando é que vai regressar ao seu país? Que Deus a abençoe. Gostaria que viesse à minha casa’. E assim por diante. E assim, depois disso, muitos dos meus irmãos acreditavam em mim, especialmente porque a questão da ordenação de mulheres nunca tinha sido debatida na Conferência. Mas como têm progredido desde aí. A maior parte deles crê na ordenação das mulheres, e penso que algumas já foram ordenadas. Mas a mim, basta-me a ordenação que o Senhor me deu”.

1887

Anna Oliver (1840 – 1892)

“Sabe, creio que o Senhor me chamou para estudar para o ministério. Eu disse ao Senhor que nenhum seminário me aceitaria; se algum me aceitasse, talvez não fosse bem-sucedida e só conseguiria obter uma notoriedade negativa e ser caluniada pelos meus inimigos e rejeitada pelos meus amigos. Não tinha interesse em ser mártir. Procurei todas as razões e argumentos possíveis, mas o Senhor não aceitou nenhum e ordenou-me que continuasse”.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Fins do século XIX

Lucy Rider Meyer (1849 – 1922)

Formou-se em medicina quando a maior parte das faculdades de medicina não aceitavam as mulheres como alunas; reedificou o movimento de diaconisas e arriscou-se à censura da sua denominação para oferecer às mulheres oportunidades de formação para o ministério.

1887

Anna Howard Shaw (1847 – 1919)

Foi a segunda mulher que se formou em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade de Boston, logo a seguir a Anna Oliver.

1880

A Igreja Metodista Episcopal recusou a ordenação a **Anna Howard Shaw** e a **Anna Oliver**. Quando perguntaram ao Bispo Andrews que opções teriam, este disse-lhes que a única coisa que podiam fazer era sair da igreja. Anna Howard Shaw foi ordenada pela Igreja Metodista Protestante (Conferência de Nova Iorque).

1884

A ordenação de **Anna Howard Shaw** pela Igreja Metodista Protestante foi invalidada.

1888

Frances Willard (1839 – 1895)

Frances Willard arriscou-se a ser criticada em todo o país não só por defender a causa do sufrágio feminino, mas também por procurar oportunidades para que as mulheres recebessem formação e usassem os seus dons no ministério com o mundo. Foi eleita pela sua Conferência como delegada leiga à Conferência Geral em 1888, mas foi-lhe recusada a participação devido a ser mulher.

1889

Em resposta à petição das mulheres da Conferência do Centro de Illinois, a Conferência Geral da Igreja dos Irmãos Unidos, em Maio de 1889, aprovou que as mulheres podiam obter a ordenação e a licença para pregar. **Ella Niswonger** e **Maggie Elliott** obtiveram a sua licença para pregar o evangelho e Ella Niswonger obteve a sua ordenação.

As actas da conferência anual de 11 de Setembro de 1889, referem que a 11 de Setembro de 1889, “Ella Niswonger e Maggie Elliott obtiveram a sua licença para pregar o evangelho”. Dois dias depois, por recomendação do comité de Ordenação, que considerou que Niswonger “tinha um sólido e claro conhecimento da doutrina” e “em harmonia com as doutrinas da igreja”, Niswonger “foi recebida para o ministério de itinerância”.

Em referência a esta ordenação, o Bispo E. B. Kephart, que presidiu a esta conferência, escreveu para a revista *Religious Telescope* de 20 de Novembro de 1889:

“Duas senhoras cristãs, muito inteligentes, obtiveram as suas licenças para pregar nesta sessão e, por mandato dos presbíteros de uma conferência anual ordenou-se a primeira mulher presbítera pela primeira vez na história da nossa denominação. Será que é o alvorecer do novo milénio? Que assim o queira Deus.

Uma mulher presbítera foi ordenada na Igreja Metodista Protestante.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Fins do século XIX

Belle Harris Bennett (1852 – 1922)

Bennett arriscou-se ser censurada pela sua denominação por promover oportunidades de ministério para as mulheres, assim como incentivar as relações de cooperação entre as raças no sul dos Estados Unidos. Os seus esforços enérgicos tornaram possível que a Igreja Metodista do Sul reconhecesse a igualdade de direitos eclesiais das mulheres leigas; foi co-fundadora duma escola para a formação de jovens mulheres missionárias (actualmente, o Centro Scarritt Bennett, em Nashville).

1892

Na Conferência Geral da Igreja Metodista Protestante foi recusada a participação e o lugar a uma mulher presbítera e a três mulheres leigas.

1892

Eugenia St. John

“Têm diante de vós uma questão muito importante [...] Será que esta conferência se atreverá a considerar o pressentimento dado por Deus e a frustrar a sua vontade para a edificação da sua igreja devido aos seus preconceitos? [...] A grande questão do futuro é se terão poder para conquistar as forças do pecado e, digo-lhes que serão necessárias todas as mulheres que se possam encontrar para se juntarem lado a lado aos homens sensatos neste trabalho, para que a igreja saia triunfante”.

1892

As primeiras mulheres delegadas que participaram em Conferências Gerais: em 1892, na Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal; em 1893, na Conferência Geral da Igreja dos Irmãos Unidos em Cristo; em 1904, na Igreja Metodista Episcopal (na qual as mulheres também obtiveram plenos direitos como leigas); e em 1922, na Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal do Sul (dos Estados Unidos).

1894

A Igreja Metodista Episcopal Africana de Sião ordena a sua primeira diaconisa (**Julia A. J. Foote**)

(Consultar “Meados do Século XIX”)

Será que era de facto o alvorecer do novo milénio? Possivelmente, se reconhecermos que o alvorecer é um processo longo em vez de um processo num determinado momento. Antes do começo do século XX, a igreja conseguiu outras duas vitórias. Em 1894, Julia A. J. Foote foi a primeira mulher a ser ordenada diaconisa na Igreja Metodista Episcopal Africana de Sião. Nesse mesmo ano, a 7 de Setembro, a Conferência Anual de Miami (Ohio) da Igreja dos Irmãos Unidos em Cristo autorizou a ordenação de **Sarah Dickey**, apesar da ordenação não se realizar até 6 de Setembro de 1886 quando Dickey foi autorizada a participar na Conferência. *(Artigo publicado para a Conferência Geral de 2000).*

1896

Uma mulher (**Sarah Dickey**) é ordenada pela Igreja dos Irmãos Unidos em Cristo (Conferência Anual de Miami).

1901

Primeira presbítera delegada que participa na Conferência Geral da Igreja dos Irmãos Unidos em Cristo.

Mulheres Chamadas ao Ministério

1904

Pela primeira vez, a Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal concede plenos direitos às mulheres como leigas e permite-lhes participar nas suas sessões.

Princípios do século XX

Mary McLeod Bethune (1875 – 1955)

A Dra. Bethune arriscou-se a cair na pobreza para fundar uma escola inicialmente criada para educar, incentivar e capacitar jovens afro-americanas para a liderança e o ministério no mundo (actualmente a Escola Superior Bethune-Cookman da IMU, em Daytona Beach, Flórida). Foi assessora de vários presidentes americanos e uma grande defensora da igualdade racial.

1910

A Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal do Sul negou às mulheres plenos direitos como leigas; em 1922 as mulheres finalmente participam numa Conferência Geral.

1913

Fanny Jackson Coppin

“Nunca me levantei para me exprimir durante as minhas aulas na universidade de Oberlin, mas senti que tinha a honra de toda a raça africana a pesar-me sobre os ombros. Senti que, se falhasse, isso seria atribuído e justificado pelo facto de ser de raça negra [...] A escravidão fez com que fossemos pobres, e a sua sombra lúgubre e maldosa tende a manter-nos assim...”

1920

A Igreja Metodista Episcopal concede oficialmente à mulher a licença de pregadora local, que é o primeiro passo para o ministério ordenado.

O ano de 1920 marcou um progresso significativo para a Igreja Metodista Episcopal e o seu reconhecimento dos dons da mulher. Nesse ano, não só os Estados Unidos ratificaram a décima nona emenda à Constituição, concedendo à mulher o direito de sufrágio, mas o *Livro da Disciplina* da Igreja Metodista Episcopal concedeu oficialmente à mulher a licença de pregadora local, que constituía o primeiro passo para o ministério ordenado. (*Artigo publicado para a Conferência Geral de 2000*).

Posteriormente, em 1924, isto muda.

1924

As mulheres da Igreja Metodista Episcopal obtêm direitos limitados como membros do clero, tal como a ordenação “local”.

1927

Florence S. Teed

“Todos estamos de acordo em que um bom ministro de Jesus Cristo, primeiro é ordenado por Ele e para Ele, para pregar o Seu evangelho a todos e em toda a parte. Após trinta anos a pregar em todos os cantos, recantos e púlpitos desta e de outras terras, a minha humilde observação é que “o que as pessoas querem” não é por uma questão de estética nem de ginástica intelectual, mas sim para obter orientação para assegurar a ajuda divina que as ajude a enfrentar AGORA as provas penosas”.

Mulheres Chamadas ao Ministério

1938

Thelma Stevens

Thelma Stevens, de ascendência europeia e americana e nascida no estado do Mississippi (dirigente das Sociedades de Mulheres Metodistas de 1936 a 1976), foi uma das activistas brancas pioneiras na luta pelos Direitos Civis na passada Igreja Metodista. Neste ano de 1938 ela organiza a primeira conferência verdadeiramente inter-racial de mulheres metodistas, na Universidade de Paine, uma instituição historicamente afro-americana, no estado da Georgia. O principal tema de discussão da dita conferência foi a desagregação do sul dos Estados Unidos. Na Conferência Geral de 1944, apenas cinco anos após a cisão da igreja, em vez de acabar com a segregação racial, Thelma Stevens tentou sem êxito conseguir que os comités da conferência se reunissem em locais onde tanto os delegados negros como brancos fossem aceites e bem-vindos.

1939

A **Dra. Georgia Harkness**, a primeira mulher nomeada professora de teologia num seminário norte-americano, arriscou a sua carreira profissional no ramo da educação teológica para defender os direitos eclesiais da mulher na igreja, incluindo a ordenação. Foi defensora da justiça social assumindo posições que eram audaciosas e proféticas.

1944

A Divisão de Mulheres da Junta de Missões da Igreja Metodista forma um Comité para a Situação da Mulher.

1946

A ordenação é recusada à mulher na recentemente estruturada Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos (resultante da união da Igreja dos Irmãos Unidos em Cristo e da Igreja Evangélica), o que representa um retrocesso.

É claro que, por alguns passos em frente, às vezes parece que retrocedemos um. Na verdade, em 1946, quando a Igreja dos Irmãos Unidos em Cristo e a Igreja Evangélica se uniram para passar a ser a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos, a ordenação foi recusada à mulher. (*Artigo publicado para a Conferência Geral de 2000*)

1953

Margaret Henrichsen

“Quanto mais famílias conhecia, mais pessoas confiavam em mim, mais sobrecarregada me sentia e menos tempo tinha para o estudo, a meditação e o trabalho criativo [...] O pouco tempo que tinha para estudar a sério reduzia-se ainda mais pelas necessidades evidentes da casa; o chão tinha de ser varrido ou lavado, as janelas estavam tão sujas que “gritavam” para serem lavadas, era preciso passar a ferro e passajar a roupa, apesar de eu fazer o menos que podia. Na verdade, o problema era que ao ter sido escolhida para ser presbítera, também tinha que ser “a sua esposa”.”

1956

A Conferência Geral da Igreja Metodista declara que “as mulheres podem ser eleitas para todas as ordens do ministério e ser consideradas como membros plenos da conferência”, sendo-lhes, portanto, concedidos plenos direitos como membros do clero. **Maud Keister Jensen** é a primeira mulher a quem foram concedidos esses

Mulheres Chamadas ao Ministério

direitos a 18 de Maio, quando a Conferência do Centro da Pensilvânia se reuniu. Nesse mesmo ano, à medida que outras conferências se reuniam, 27 mulheres receberam plenos direitos.

(Consultar o Quarto Apêndice: A Conferência Geral de 1956)

1967

Margaret Henrichsen é a primeira mulher nomeada como superintendente de distrito.

1968

A Igreja Metodista Unida é criada através da união da Igreja Metodista com a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos; esta nova denominação afirma plenos direitos da mulher como membros do clero.

“Em 1968, afirmaram-se plenos direitos como membros do clero para todas as mulheres por ocasião da união da Igreja Metodista com a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos para formar a Igreja Metodista Unida”. *(Artigo publicado para a Conferência Geral de 2000).*

1968

A Divisão de Mulheres, que actualmente trabalha com as Mulheres Metodistas Unidas, pede à igreja que crie uma comissão de estudo para documentar o envolvimento da mulher na vida total da igreja.

1972

A Conferência Geral da Igreja Metodista Unida providencia os fundos necessários para a criação de uma comissão pragmática cujo objectivo é tratar da discriminação contra as mulheres a todos os níveis da denominação.

1976

A Conferência Geral deste ano continua o trabalho da Conferência Geral de 1972 e estabelece a Comissão Geral da Situação e Papel da Mulher como uma comissão permanente.

1976

Dez mulheres presbíteras são eleitas como delegadas à Conferência Geral de 1976 da Igreja Metodista Unida.

Década dos anos 80

Theresa Hoover, uma mulher afro-americana e presidente da Divisão de Mulheres, criticou os estilos paternalistas missionários, as políticas e as práticas ocidentais e dos Estados Unidos nos países em vias de desenvolvimento e os investimentos empresariais na África do Sul.

1980

A Jurisdição Norte Central elege a **Reverenda Marjorie Matthews (1916 – 1986)** (ordenada presbítera aos 49 anos de idade) como a primeira mulher bispa da Igreja Metodista Unida. Foi nomeada para a Conferência de Wisconsin, dos Estados Unidos.

1983

Alice Yun Chai

Mulheres Chamadas ao Ministério

“Dei-me conta de que a diversidade e a complexidade das experiências de vida das mulheres se encontram firmemente enraizadas num processo de dominação e que todos os sistemas de desigualdade se relacionam entre si. A causa principal da divisão entre as mulheres não é tanto uma diferença de pontos de vista, mas a nossa recusa em reconhecer os privilégios e o poder criado e perpetuado na nossa sociedade com base nessas diferenças”.

1983

Thelma Stevens (*dirigente das Sociedades de Mulheres Metodistas de 1936 a 1976*)

“Vós tendes muitas raízes, muitas cores, muitas culturas [...] Sois mulheres e homens, completamente iguais e completamente responsáveis, no Universo criado por Deus. Nunca pensem no custo, mas lembrem-se de que Deus, o Criador, enviou Jesus para morrer, a fim de que possam viver e servir, curando as feridas da gente, a bem da paz e com justiça para toda a humanidade”.

1984

A Jurisdição do Oeste elege a **Reverenda Leontine T. C. Kelly**, uma mulher afro-americana como a primeira mulher negra, bispa da Igreja Metodista Unida. Foi nomeada para a Conferência da Califórnia - Nevada dos Estados Unidos.

1993

Carole Cartwright

“A única coisa que sinto agora é entusiasmo, porque penso que ainda não cheguei onde penso que deveria estar. No entanto, continuo a avançar nessa jornada e continuo a chegar a encruzilhadas, mas ainda estou à espera da revelação de aquilo com que por fim devo contribuir. Ao longo da caminhada, espero estar a fazer algo [...] Continuo a caminho para onde é suposto encontrar-me espiritualmente e estou a desfrutar a viagem”.

1996

Pela primeira vez o discurso episcopal da Conferência Geral foi proferido por uma mulher, a bispa **Judith Craig**.

“Vinte anos depois das primeiras mulheres membros do clero serem eleitas como delegadas à Conferência Geral de 1976, a primeira mulher bispa foi nomeada para proferir o discurso episcopal na Conferência Geral de 1996. Judith Craig, a segunda bispa eleita pela nossa denominação, proferiu esse discurso a 16 de Abril de 1996”. (*Artigo publicado para a Conferência Geral de 2000*).

A Jurisdição do Sudoeste dos Estados Unidos elege a sua primeira mulher bispa, **Charlene Kammerer**; agora, as cinco jurisdições todas têm bispas.

2000

A Conferência Geral reafirma a necessidade de que todas as mulheres da denominação participem plenamente e esboça uma visão para trabalhar com vista a alcançar esse objectivo.

2001

Clara Biswas, uma missionária de Bangladesh, a servir no Camboja, trabalha com crianças pobres em Phnom Penh. Ela faz parte de uma nova vaga de missionários e missionárias que servem a igreja em todo o mundo.

Mulheres Chamadas ao Ministério

2004

A Jurisdição do Oeste elege a **Reverenda Minerva Carcaño** como a primeira bispa hispânica/latina da denominação. São eleitas como bispas um número total de seis mulheres, o maior número de mulheres jamais eleitas num único ano.

2005

Rosemarie Wenner foi eleita bispa e nomeada para a região da Alemanha. Foi a primeira bispa eleita fora dos Estados Unidos.

2006

Existem 16 bispas activas e quatro bispas reformadas a servir na Igreja Metodista Unida.

2008

Joaquina Filipe Nhanala é eleita bispa da Conferência Central de Moçambique. É a primeira mulher africana eleita como bispa e a décima nona mulher eleita para o episcopado.

2012

O Concílio de Bispos elege e nomeia a bispa **Rosemarie Wenner** como Presidente do Concílio de Bispos, a nível mundial. A bispa Wenner é a primeira mulher de nacionalidade não americana a ocupar esta posição.

2014

Existem 13 bispas activas e 12 bispas reformadas e todas estas mulheres servem a Igreja Metodista Unida em todo o mundo.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Segundo Apêndice

HIPERLIGAÇÕES PARA WEBSITES

Comissão Geral da Situação e Papel da Mulher www.gcsr.org

Consulte este website para obter recursos sobre a mulher na Igreja Metodista Unida.

A missão da Comissão Geral da Situação e Papel da Mulher (GCSRW – General Commission on the Status and Role of Women) é “desafiar a Igreja Metodista Unida a todos os níveis para trabalhar em prol da participação total e igual da mulher em todos os domínios da vida da denominação, incluindo a ordenação de mulheres, o mesmo acesso à tomada de decisões e o reconhecimento de que Jesus Cristo chama tanto os homens como as mulheres à salvação, à libertação, ao discipulado e ao serviço na igreja e na sociedade”. *(Extraído de “Acerca da GCSRW” no website).*

Comissão Geral de Arquivos e História www.gcah.org

Consulte este website para descobrir a história da Igreja Metodista Unida.

O objectivo da Comissão Geral de Arquivos e História (GCAH – General Commission on Archives and History) “é promover e proteger o interesse histórico da Igreja Metodista Unida. Mantemos uma biblioteca e arquivos através dos quais se preservam os materiais, documentos e arquivos históricos relacionados com a Igreja Metodista Unida e se encontram à disposição para utilidade pública e académica”. *(Extraído da página inicial do website).*

Mulheres Metodistas Unidas www.unitedmethodistwomen.org

Consulte este website para obter informações sobre ministérios com mulheres e crianças em todo o mundo.

Desde o seu início que a organização das Mulheres Metodistas Unidas se tem concentrado em ministérios com mulheres, crianças e jovens. Todos os programas e objectivos das Mulheres Metodistas Unidas se concentram em missão. Esta organização também apoia programas e projectos que visam melhorar as necessidades especiais das mulheres devido aos seus estatutos de refugiadas, aos seus estatutos de imigrantes, a situações em que foram abusadas e maltratadas, à sua elevada taxa de analfabetismo em alguns países, à sua dependência económica, às suas disparidades educacionais e muito mais. *(Extraído do website)*

Junta Geral de Ensino Superior e Ministério www.gbhem.org

Consulte o website da Junta Geral de Ensino Superior e Ministério (GBHEM - General Board of Higher Education and Ministry) para obter informações e recursos sobre as mulheres que são membros do clero da Igreja Metodista Unida.

“A Junta Geral de Ensino Superior e Ministério dirige e serve a Igreja Metodista Unida em relação ao recrutamento, preparação, formação, educação e apoio de líderes cristãos (do laicado e do clero), para o trabalho de fazer discípulos de Jesus Cristo para a transformação do mundo”. *(Extraído da secção “Mission Statement” (“Declaração de Missão”) no website).*

Mulheres Chamadas ao Ministério

Terceiro Apêndice

A CONFERÊNCIA GERAL DE 1956

Pode utilizar este material como uma “Dramatização para os Leitores” (*Reader’s Theatre*) ou como informação sobre os debates que se realizaram na Conferência Geral de 1956 sobre a votação a favor de plenos direitos como membros do clero para as mulheres na nossa Igreja.

Primeiro(a) narrador(a)	<i>(homem ou mulher)</i>
Segundo(a) narrador(a)	<i>(homem ou mulher)</i>
Marvin Stuart	<i>(homem)</i>
Dewey Muir	<i>(homem)</i>
Allen B. Rice	<i>(homem)</i>
Henry Lyle Lambdin	<i>(homem)</i>
Joe E. Bowers	<i>(homem)</i>
Everett W. Palmer	<i>(homem)</i>
C. Anderson Davis	<i>(homem)</i>
Lynn J. Radcliffe	<i>(homem)</i>
Sra. Henry D. Ebner	<i>(mulher)</i>
Sra. Edwin S. Anderson	<i>(mulher)</i>
James S. Chubb	<i>(homem)</i>
Lynn H. Corson	<i>(homem)</i>
Dra. Georgia Harkness	<i>(mulher)</i>

1º Narrador: Antes de 1956 já havia mulheres que serviam como pastoras leigas e presbíteras locais. Ser presbítera local permitia que a mulher servisse como pastora, mas sem ser membro da conferência anual. Sem serem membros e sem plenos direitos como membros do clero, as mulheres não tinham uma nomeação garantida e não podiam votar sobre questões pertinentes ao clero da conferência anual.

A Conferência Geral de 1956 fez a seguinte pergunta, “A Igreja Metodista deveria conceder às mulheres pelos direitos como membros do clero?”

Em todas as épocas, a igreja é desafiada a prestar muita atenção à visão de Deus e a vivê-la plenamente. Na sessão de 7 de Maio da Conferência Geral de 1956 levantaram-se muitas perguntas:

“Seria possível nomear mulheres para as igrejas locais sem lhes conceder plenos direitos como membros do clero?”

“Podemos estar de acordo sobre algo em princípio, apesar de não pormos isso em prática?”

“Deveriam conceder-se plenos direitos a mulheres solteiras e não a mulheres casadas, devido às responsabilidades domésticas destas últimas?”

Mulheres Chamadas ao Ministério

“A responsabilidade referente à nomeação de uma mulher recai sobre o bispo ou o seu gabinete ou passa pela aceitação de uma mulher por parte da igreja local?” e

“O Evangelho diz-nos algo sobre este assunto?”

2ª Narradora: Ouçam... ouçam algumas vozes da Conferência Geral de 1956 e perguntemo-nos, “Como é que podemos ouvir a visão de Deus hoje e responder à mesma com coragem e confiança?”

Voz de homem: Sou Marvin Stuart, da Conferência da Califórnia-Nevada. “...enfrentamos duas decisões; uma delas, será que isto é correcto, como uma questão de princípio, este assunto de plenos direitos para as mulheres como membros do clero. Penso que quase todos, se não mesmo todos, foram persuadidos que em princípio não podemos objectar a isso. No entanto, a pergunta é... era isto, acaso as dificuldades, as dificuldades práticas, que se interpõem a este princípio, são insuperáveis?” (p. 520)

Voz de homem: Sou Dewey Muir, da Conferência de Illinois. “A capacidade para pregar e para liderar na igreja, não é determinada pelo sexo da pessoa, de nenhuma forma. Tal facto é reconhecido e aceite. Também é reconhecido que algumas mulheres têm prestado um serviço e feito um trabalho excelente e extraordinário. A capacidade de pregar, de liderar, tem pouco a ver com a verdadeira questão de conceder plenos direitos como membros do clero às mulheres”.

“Os membros do clero do Comité de Ministério julgam que tal pedido, tal como apresentado perante a Conferência Geral, se baseia numa teoria geral de que basicamente não se deveria conceder nenhum privilégio a um sexo, que seja negado ao outro sexo. Compartilhamos esse nobre sentimento. No entanto, confrontamo-nos com problemas realistas de administração da lei da igreja”.

“Segundo o nosso sistema de nomeações, cada membro ministerial de uma conferência anual tem de ser nomeado para um cargo pastoral ou alguma nomeação especial da Conferência, quer exista um cargo que queira esse ministro ou não. Estou plenamente consciente dos problemas que surgem ao nomear alguns homens para igrejas, mas até agora nenhuma igreja disse, ‘Não, muito simplesmente não queremos um homem como pregador’. [Risos] No entanto, quando se trata de nomear uma mulher, mesmo uma boa mulher pregadora... não é raro que a resposta seja, ‘Muito simplesmente, não queremos uma mulher como pregadora’”.

“Na prática, até que aqueles que exigem uma legislação se comprometam não só a legislá-la, mas também a receber mulheres pregadoras itinerantes, não em geral, mas em particular, como pastoras das suas próprias congregações, a nossa opinião é que a nossa legislação actual que considera a ordenação de mulheres [...], é o melhor para a nossa igreja específica”. (p. 522)

Voz de homem: Sou Allen B. Rice, da Conferência do Noroeste de Indiana. “Sou superintendente de distrito [...] Sou contra a discriminação, todos os tipos de discriminação e, particularmente a que encarrega o gabinete da solução de um problema, tão delicado e difícil como ter de decidir por sua própria conta se pode nomear uma mulher ou não para um cargo ministerial. Penso que isto implica pôr o gabinete de qualquer conferência numa situação difícil, sem nenhuma medida tomada pela conferência em particular”. (p. 523)

Voz de homem: Sou Henry Lyle Lambdin, da Conferência de Newark. “A discussão da questão referente a se se devem conceder às mulheres plenos direitos como membros da conferência tem tendência a desviar-se sempre para o nível administrativo. Os argumentos parecem centrar-se à volta da perplexidade do superintendente de distrito que está a tentar promover a Reverenda X, da Paróquia Y para a Igreja Z. Essencialmente, a soma e a substância da maioria dos argumentos que foram apresentados pode resumir-se à expressão ‘Pobre superintendente do distrito!’”.

“... será que esta conferência está preparada para dizer que no ano do Senhor de 1956, nenhuma mulher, independentemente da sua qualificação educacional e dos dons, graças e encanto que tenha demonstrado possuir, repito, nenhuma mulher será chamada a servir

Mulheres Chamadas ao Ministério

a Deus, para liderança espiritual no seio da estrutura organizacional da Igreja Metodista, à qual chamamos Conferência Anual?”

“Estamos preparados para dizer que nenhuma mulher, sem ter em conta as suas qualificações, pode estar apta a ser membro de uma Conferência Anual? Esta é a questão perante nós que devemos considerar”. (p. 524)

Voz de homem: Sou Joe E. Bowers, da Conferência de Oklahoma. “Tem-se falado muito sobre a situação difícil em que se encontra o superintendente do distrito em relação a esta questão. Na verdade, não é ele que se encontra em situação difícil, mas sim a igreja local. Penso que isso deve ficar aqui perfeitamente claro [...], que se apoiamos isto, devemos fazê-lo conscientes de que a igreja local está disposta a aceitar a nomeação de uma mulher como ministra”. (p. 526)

Voz de homem: Sou Everett W. Palmer, da Conferência do Sul da Califórnia - Arizona. “Precisamos de resolver isto e temos que fazê-lo algum dia. Porque não fazê-lo agora e de forma cordial?” (p. 526)

2ª Narradora: Em determinada altura da sessão, foi sugerida uma proposta para que se concedessem às mulheres solteiras e às viúvas plenos direitos como membros do clero, enquanto que às mulheres casadas não seriam concedidos os mesmos privilégios.

Voz de homem: Sou C. Anderson Davis, da Conferência do Leste de Tennessee. “Na nossa própria Conferência Anual, das cinco mulheres que são pregadoras, quatro delas são mulheres casadas. Estas quatro mulheres casadas não têm filhos nem responsabilidades domésticas. Parece que há muitas mulheres casadas que seriam mais capazes de desempenhar este ministério do que mulheres que não são casadas e que aquelas que trabalham”. (p. 525)

Voz de homem: Sou Lynn J. Radcliffe, da Conferência de Ohio. “O princípio, senhor presidente, é excelente. Não nos confundamos sobre esta questão. Não nos extraviemos no meio de numerosas emendas e outras normas do processo parlamentar. O princípio é ilustrado por esta pergunta, “Jesus Cristo trata a mulher como filha de Deus, com direito a ter os mesmos privilégios e direitos de um homem?” (p. 526)

Voz de homem: Sou C. Anderson Davis, da Conferência do Leste de Tennessee. “Não creio, senhor bispo e membros da conferência que devemos discriminar contra nenhuma mulher. É o mesmo tipo de situação que prevaleceu quando nós, homens, estávamos a tentar conseguir o sufrágio, para votar. Se discriminarmos contra as nossas mulheres em relação a esta questão específica, eliminamos todo o princípio de que as mulheres têm igualdade de direitos em todos os domínios. As mulheres que praticam medicina, direito e outros campos semelhantes não são a mais e não criam problemas”. “Não creio que criariam um problema no ministério. Pelo contrário, sinto que trariam muita dignidade e que o enriqueceriam. Os superintendentes de distrito e os bispos, por vezes, têm muitos problemas em colocar os nossos homens que estão em ministério e, tenho a certeza de que não teriam mais problemas do que esses, em relação a colocar as mulheres”. [*Risos*] (p. 525)

2ª Narradora: Foi mais adiante durante o debate que a primeira mulher falou sobre esta questão. Apesar de se pronunciar contra a concessão de plenos direitos às mulheres, levantou algumas questões importantes.

Voz de mulher: Sou a Sra. Ebner, da Conferência de New Jersey. “Mas antes de votarmos sobre este assunto [...] antes de mudarmos a nossa ‘Disciplina’, deveríamos responder a três perguntas muito importantes e, apresentá-las com toda a seriedade”.

Primeiro que tudo se votarmos “sim”, eu poderia dizer ao meu superintendente, ‘Sim, mande-me uma pastora’.

“Em segundo lugar, tantos os ministros como os leigos teriam que dizer, ‘Estou disposto a servir sob a chefia de uma mulher superintendente de distrito’, porque se isto for aprovado, não vamos discriminar”. [*Aplauso*]

Mulheres Chamadas ao Ministério

“Além disso, senhor bispo, a minha última observação [...] seria esta: Estamos dispostos a eleger uma mulher como bispa. Perante isto, talvez possam pensar que esta afirmação é bastante exagerada, mas acreditem-me que não é. Já têm exemplos do poder das mulheres. Deixo isto ao vosso próprio critério”. (p. 528)

2ª Narradora: A segunda mulher que falou, era a favor da concessão de plenos direitos.

Voz de mulher: Sou a Sra. Anderson, da Conferência de Nova Inglaterra. “As mulheres são aceites como candidatas ao ministério é-lhes permitido que obtenham a graduação dos seus estudos em seminários e escolas de teologia. É-lhes permitido que realizem todos os serviços realizados pelos ministros homens e é-lhes exigido que assistam às sessões das suas respectivas conferências anuais. Cada mulher que é presbítera é acompanhada do seu delegado leigo. Ao delegado leigo é permitido sentar-se nos aposentos da igreja e também tem o privilégio de se manifestar verbalmente; mas a mulher presbítera não tem nenhum privilégio”.

“Uma outra objecção é que a uma mulher que seja membro da conferência lhe seja garantida uma nomeação e colocação. No entanto, por que razão não garantir isso às mulheres assim como aos homens, visto que as mulheres têm oportunidades iguais e qualificações iguais?” (p. 528)

“As igrejas que têm concedido plenos direitos às mulheres como membros do clero, têm estado muito satisfeitas com os resultados. A Igreja Metodista tem sido sempre capaz de adaptar-se a mudanças e deve dar o exemplo, concedendo igualdade de direitos e de oportunidades de serviço a todos os seus membros, sem distinção de sexo”. (pp. 528–529)

2ª Narradora: O debate estava a chegar ao fim.

Voz de homem: Sou James S. Chubb, da Conferência de Nebraska. “Sr. Presidente e membros da Conferência, estamos agora perante a questão crucial, que todos reconhecemos ser a forma como vamos votar. Penso que a questão é, se nos atrevemos a aproveitar esta nova oportunidade audaciosa para assegurar o tipo de mulher que até agora pensava que não podia ingressar activamente no ministério”. (p. 529)

2ª Narradora: O bispo que presidia à sessão, o bispo King, pediu que os delegados votassem levantando a mão. A legislação proposta foi aprovada sem necessidade de pedir aos delegados que se levantassem para contá-los e sem votação através de boletins de voto.

E num momento de notável cortesia, ouviu-se o diálogo que se segue.

Voz de homem: Lynn H. Corson, da Conferência de New Jersey. “Sr. Presidente, este é um dia particularmente triunfante e cheio de significado para um dos membros deste grupo, que durante muitos anos tem estado à espera deste momento em que esta Conferência Geral votaria a favor da concessão de plenos direitos como membros do clero para as mulheres. Refiro-me à Dra. Georgia Harkness. [Aplauso]

“Saudemos a Dra. Georgia Harkness”. [A assembleia levantou-se e aplaudiu] (p. 534)

Voz de mulher: Dra. Georgia Harkness. “Quero pedir-lhes um momento para vos agradecer por este maravilhoso gesto”.

“Alguns de vós talvez se perguntassem por que razão é que não falei esta tarde. A Bíblia diz que há tempo para falar e tempo para estar em silêncio. Pensei que seria melhor deixar falar aqueles que o quisessem fazer. Muito obrigada”. [Aplauso] (p. 534)

Esta “Dramatização para os Leitores” (Reader’s Theatre) foi escrita pela Reverenda Lynn Scott, da Conferência de Wisconsin, 2006. As citações foram extraídas do Daily Christian Advocate, da Conferência Geral de 1956, da Igreja Metodista. Os números das páginas em parêntesis referem-se ao original em inglês. Cópias desta secção do Daily Christian Advocate podem obter-se junto à Comissão Geral de Arquivos e História (www.gcah.org) da Igreja Metodista Unida.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Quarto Apêndice

BIBLIOGRAFIA (ANOTADA)

ESTUDOS BÍBLICOS

Anderson, Gary A. *The Genesis of Perfection: Adam and Eve in Jewish and Christian Imagination [A Gênese da Perfeição: Adão e Eva na Tradição Judaica e Cristã]* (Louisville: Westminster John Knox, 2001).

Neste livro, Anderson demonstra que os judeus conhecem Adão e Eva à luz da Torá (o Pentateuco) e da Terra Prometida, enquanto que os Cristãos os conhecem à luz de Cristo e de Maria.

Barr, James. “One Man, or All Humanity?” [Um Homem, ou Toda a Humanidade?] em Athalya Brenner e J. W. van Henten (eds.), *Recycling Biblical Figures: Papers Read at a NOSTER Colloquium in Amsterdam [Reciclar Figuras Bíblicas: Ensaios Lidos num Colóquio NOSTER em Amsterdão]*, 12–13 Maio de 1997 (Leiderdorp, The Netherlands, 1999, pp. 3–21).

Neste artigo, Barr argumenta que o termo hebraico “*adam*” é fundamentalmente um conceito masculino, apesar de por vezes poder incluir as mulheres quando estas estão acompanhadas por homens.

Coffey, Kathy. *Hidden Mulheres of the Gospels [Mulheres Ocultas dos Evangelhos]* (New York: Crossroad, 1997). ISBN 0-8245-1561-7.

Neste livro, Kathy Coffey menciona várias mulheres sem nome que constam dos Evangelhos. Dá uma nova vida a estas mulheres de uma forma que o leitor se vê obrigado a considerá-las a uma luz diferente.

Clines, David J. A. “*adam*, The Hebrew for ‘Human, Humanity’: Response to James Barr”, *Vetus Testamentum* 3(2003): 297–310. [*adam*, O Termo Hebraico para ‘Humano, Humanidade’: Resposta a James Barr]

Neste artigo, Clines questiona o argumento de Barr. Defende que o termo hebraico “*adam*” não tem género; refere-se a humanidade ou a um ser humano independentemente do seu sexo.

Frymer-Kensky, Tikva. “Woman (and Man) in the First Creation Story” [A Mulher (e o Homem) na Primeira História da Criação], em *Women in Scripture [Mulheres na Escritura]*, 175.

Neste artigo, Tikva leva a cabo uma leitura a fundo da história da primeira criação e conclui que o termo hebraico “*adam*” deve ser considerado como uma “palavra inclusiva dos dois géneros”.

Levine, Amy-Jill. “Canaanite Woman” [A Mulher Cananeia], em *Women in Scripture [Mulheres na Escritura]* (ed. Carol Meyers, Toni Craven and Ross S. Kraemer; Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans, 2000), 413.

Neste breve comentário sobre a filha da mulher cananeia, Levine destaca a centralidade da intercessão maternal.

Meyers, Carol “Eve” [Eva], em *Women in Scripture [Mulheres na Escritura]*, 81.

Neste breve artigo, Meyers volta a examinar os termos hebraicos relacionados com a maternidade, a gestação e a dominação masculina. Está de acordo com as biblistas feministas que interpretam o “domínio do homem sobre a mulher”, como um domínio relacionado com a sexualidade.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Rashkow, Ilona N. *Upon the Dark Places: Anti-Semitism and Sexism in English Renaissance Biblical Translation [Sob os Locais nas Trevas: o Anti-semitismo e o Sexismo na Tradução para Inglês da Renascença Bíblica]*. (Bible and Literature Series 28; Sheffield: Almond Press, 1990). ISBN 1850752516.

Este livro é um estudo excelente sobre como o anti-semitismo e o sexismo afectaram a tradução para inglês da Renascença Bíblica. Rashkow demonstra que as diferenças poéticas entre o texto hebraico e as traduções para inglês são politicamente inspiradas.

Trible, Phyllis. “Eve and Adam: Genesis 2-3 Reread” [Eva e Adão: Génesis 2-3 Releitura], em *Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion [Ascensão do Espírito da Mulher: Leitora Feminista da Religião]* (ed. Judith Plaskow and Carol P. Christ; San Francisco: Harper and Row, 1979).

Neste artigo, Tribble examina a estrutura de Génesis 1 e 2 e conclui que a criação do homem primeiro e da mulher depois, formam uma composição circular, pelo que os dois eventos são paralelos, dado que na literatura hebraica, os principais elementos de uma unidade residem, com frequência, no início e no fim de um mecanismo de inclusão.

_____ “Not a Jot, Not a Title: Genesis 2-3 after Twenty Years” [Nem um Ponto, nem um Título: Génesis 2-3 Vinte Anos Depois], em *Eve and Adam: Jewish, Christian and Muslim Readings on Genesis and Gender [Eva e Adão: Leituras Judaicas, Cristãs e Muçulmanas sobre Génesis e Género]* (ed. Kristen E. Kvan, Linda Schearing and Valerie H. Zeigler; Bloomington: Indiana University, 1999), 439.

Neste artigo, Tribble argumenta que “*haadam*” indica uma criatura de sexualidade indiferenciada: nem homem, nem mulher, nem uma combinação dos dois.

HISTÓRIA

Current, Angella. *Breaking Barriers: An African-American Family and the Methodist Story [Quebrando Barreiras: Uma Família Afro-americana e a História Metodista]*. Nashville: Abingdon Press, 2001. ISBN: 0687070368

Tal como *Roots [Raízes]*, da autoria de Alex Haley, contou a história da experiência afro-americana nos Estados Unidos, esta obra ilustra a experiência dos afro-americanos no seio do metodismo unido e a importância que a fé, a igreja e a família tiveram na formação do carácter e do trabalho de muitas pessoas em toda a denominação.

A 19 de Julho de 1984, Leontine Current Kelly foi eleita bispa da Igreja Metodista Unida, o que fez dela a primeira mulher bispa afro-americana de uma das denominações religiosas mais importantes dos Estados Unidos. *Breaking the Barriers [Quebrando Barreiras]* conta a história da sua trajectória e desse histórico acontecimento. (*Cokesbury.com*)

Cracknell, Kenneth and White, Susan J. *An Introduction to World Methodism [Introdução ao Metodismo no Mundo]*. Cambridge University Press, 2005. ISBN: 052152170X

Com mais de 75 milhões de metodistas actualmente praticantes em todo o mundo, este livro considera o metodismo como uma tradição religiosa global, e examina a sua rica diversidade assim como as crenças e as atitudes fundamentais que todos os metodistas compartilham. Serve como introdução aos padrões da vida metodista, demonstrando como este movimento religioso se tem desenvolvido a partir de raízes britânicas e americanas em diferentes contextos culturais. Para além de referir as tradições de longa data de John e Charles Wesley, esta introdução ao metodismo reflecte sobre as contribuições constantes do metodismo para com o movimento ecuménico e as relações inter-religiosas. A sua análise inclui abundantes recursos e convida ao aprofundamento deste tema. (*Cokesbury.com*)

Schmidt, Jean Miller. *Grace Sufficient: A History of Women in American Methodism 1760-1968 [Graça Suficiente: História de Mulheres no Metodismo Americano 1760-1968]*. Nashville: Abingdon Press, 1999. ISBN: 0687156750

As histórias da mulher e da religião nos Estados Unidos, têm tido tendência a concentrar-se nas actividades religiosas das mulheres em vez de na sua vida religiosa. Estudos sobre o início da religião

Mulheres Chamadas ao Ministério

e da espiritualidade nos Estados Unidos, em geral têm dependido de diários e sermões de pregadores do sexo masculino. Para compreender a vida religiosa das mulheres metodistas comuns, Jean Miller Schmidt estudou os seus diários, cartas, autobiografias espirituais e as suas descrições da sua vida piedosa e mortes santas que apareceram em obituários de publicações tais como a revista *Methodist Magazine* [Revista Metodista]. Estas poderosas histórias de fé fazem parte da história compartilhada do povo metodista. (Cokesbury.com)

Warner, Lacey. *Saving Women: Retrieving Evangelistic Theology and Practice* [Salvar Mulheres: Recuperando a Teologia e a Prática do Evangelismo].

Waco, Texas: Baylor University Press, 2007.

Saving Women é um estudo indispensável sobre as contribuições das mulheres para a teologia da evangelização. Através de uma cuidadosa consideração das principais fontes de seis mulheres protestantes que ministraram nos Estados Unidos, entre 1800 e 1950, este estudo histórico e teológico demonstra que estas mulheres combinaram a proclamação verbal com outras práticas cristãs históricas, nas suas funções como pregadoras, visitadoras, missionárias, educadoras, activistas e reformistas. (Amazon.com)

ACTUALIDADE CONTEMPORÂNEA (A NOSSA REALIDADE DESDE 1956)

Craig, Judith. *The Leading Women: Stories of the First Women Bishops of The United Methodist Church* [As Mulheres Pioneiras: Histórias das Primeiras Mulheres da Igreja Metodista Unida]. Nashville, Abingdon, 2004.

ISBN: 0687088380

A bispa Judith Craig entrevista todas as bispas vivas da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos e entrelaça as reflexões de todas elas para contar à Igreja, especialmente às mulheres jovens e a todos aqueles que se interessam pelo ministério, as histórias destas pioneiras ao nível episcopal. A autora solicitou a cada bispa que reflectisse sobre a sua infância e juventude, a sua educação e formação, a sua chamada ao ministério e como emergiu como líder, assim como aquilo que, retrospectivamente, contribuiu para influenciar a forma como exerce as suas funções no presente. (Cokesbury.com)

Hawkins, Pamela, Marion Jackson, Susan W.N. Ruach, eds., *Courageous Spirit: Voices from Women in Ministry* [Espírito Corajoso: Vozes de Mulheres em Ministério]. Nashville: The Upper Room, 2005.

Esta colecção de recursos para o culto e reflexões pessoais de mulheres que são membros do clero em toda a Igreja Metodista Unida oferece um panorama único sobre a chamada, o compromisso e a coragem das mulheres em posições de liderança.

Thompson, Patricia. *Courageous Past—Bold Future: The Journey Towards Full Clergy Rights for Women in The United Methodist Church* [Passado Corajoso – Futuro Audacioso: Jornada para a Concessão de Plenos Direitos como Membros do Clero às Mulheres na Igreja Metodista Unida]. Nashville: General Board of Higher Education and Ministry of The United Methodist Church, 2006.

O ano de 2006 marca o 50º aniversário da histórica decisão tomada em 1956 para a concessão de plenos direitos como membros do clero às mulheres do clero na Igreja Metodista. Este livro descreve esta histórica jornada de paixão, luta, coragem e esperança. Thompson começa por nos contar as histórias de 27 mulheres de 19 conferências anuais que foram recebidas segundo um período de prova, na Conferência Geral de 1956, assim como três mulheres presbíteras da Igreja Metodista Protestante todavia em actividade nesse ano. Também nos conta a história de mulheres presbíteras da Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos até à união da mesma com a Igreja Metodista em 1968, para constituir a Igreja Metodista Unida. Os capítulos seguintes oferecem-nos relatos em primeira pessoa de mais de 280 mulheres que foram as primeiras das suas conferências anuais ou centrais a receber plenos direitos como membros do clero. Nos Estados Unidos, estas são as histórias de cada primeira mulher que recebeu plenos direitos como membro do clero, em todas as conferências anuais e em todos os grupos étnicos representados em cada conferência. *Courageous Past — Bold Future* é uma obra histórica fundamental. (Citação na contracapa).